



TRANSTORNOS MENTAIS NO CURSO SUPERIOR EM MÚSICA: discussão a partir em uma pesquisa de campo e análise documental realizada na Universidade Federal de Pernambuco

Plínio Gladstone Duarte¹ e Viviane dos Santos Louro²

RESUMO

O adoecimento mental em nossa sociedade vem aumentando significativamente nos últimos anos. Segundo a ANDIFES (SAFT, 2016) 79,8% dos estudantes das Universidades Federais passaram por alguma dificuldade entre 2015 e 2016. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo promover uma discussão acerca da existência e permanência de estudantes com transtornos mentais comuns (TMC: sintomas ligados a estresse, ansiedade e depressão) no curso de música, tendo como ponto de partida os dados de uma pesquisa sobre a saúde mental dos alunos de música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a análise dos documentos internos da UFPE no que se refere a política de inclusão. A pesquisa mencionada foi uma ação promovida por um projeto de extensão (devidamente cadastrado na plataforma Brasil), no ano de 2019. Participaram 170 alunos dos cursos de graduação e pós graduação em música da UFPE, todos voluntários preencheram um questionário fechado com 20 perguntas. Os resultados apontaram para um índice de 29% de adoecimento entre esses estudantes.

PALAVRAS-CHAVE

Adoecimento emocional; TMC; inclusão musical; estudantes universitários.

Como citar este artigo?

DUARTE, Plínio Gladstone; LOURO, Viviane dos Santos. Transtornos mentais no Curso Superior de Música: discussão a partir de uma pesquisa de campo e análise documental realizada na Universidade Federal de Pernambuco. *In*: Encontro sobre Música e Inclusão, 8., 2021, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2021. Tema: Como anda a Inclusão? Pessoas com necessidades educacionais específicas nos contextos não presenciais de Ensino. p. 76 – 91. Disponível em: <https://emi.musica.ufrn.br/>.

¹ Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: pliniogladstoneduarte@gmail.com.

² Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: viviane_louro@uol.com.br.

1 OS TRANSTORNOS MENTAIS E O ESTUDANTE DE MÚSICA

“A pior parte de ter uma doença mental é que as pessoas esperam que você aja como se não a tivesse” (CORINGA, 2019). O filme citado reflete uma situação que infelizmente ainda é recorrente nos dias atuais. Carregadas de estigmas, a história da humanidade mostra as pessoas com transtornos mentais sempre à margem da sociedade (FOUCAULT, 1975; MILLANI; VALENTE, 2008).

Os transtornos mentais³ estão presentes na história do homem desde os primórdios, porém, devido aos preconceitos e a discussão escassa sobre a temática, ainda hoje, muitas pessoas não tem informação adequada sobre o assunto. Segundo a OMS (2018c, online) a carga dos transtornos mentais está aumentando, e tendo impactos expressivos sobre a saúde.

Para o DSM-5⁴, “um transtorno mental é uma síndrome⁵ caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo” (APA, 2014, p. 20). Esse instrumento também considera a cultura em que a pessoa está inserida, já que a cultura, a raça e a etnia “podem ser fontes de força e apoio grupais que melhoram a resiliência, mas também podem levar a conflitos psicológicos, interpessoais e intergeracionais ou a dificuldades na adaptação que requerem avaliação diagnóstica” (APA, 2014, p. 794). Além da APA (2014) a Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua transtorno mental como “a existência de um conjunto de sintomas clinicamente identificáveis ou comportamento associado na maioria dos casos a sofrimento e a interferência nas funções pessoais” (OMS, 1992 *apud* OMS, 2005, p.27).

Pelo fato da temática ser muito ampla e para delimitarmos melhor o artigo, focaremos na discussão sobre os Transtornos Mentais Comuns (TMC) que Graner e Cerqueira (2019, p. 1328) conceituam como: “estados mistos de depressão e ansiedade, caracterizados pela presença de sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas e podem ser investigados por instrumentos de *screening*⁶”, afetando aproximadamente 30% dos adultos.

Como apontam Kessler *et al.* (2007) cerca de 10-20% dos adolescentes do mundo, em algum dado momento, podem ter sua saúde mental abalada. Corroborando, a OMS

³ No decorrer do trabalho percebemos como a literatura ela é diversificada no que tange aos termos. Para melhor clareza ao leitor destacamos que: transtornos mentais, pessoas com transtornos, doença mental, adoecimento mental, são todos sinônimos.

⁴ (manual criado pela *American Psychological Association* (APA) com a função de categorizar e diagnosticar os transtornos mentais).

⁵ A APA (2014) em linhas gerais fala que o termo síndrome significa conjunto de características clínicas que sempre se manifestam em determinados diagnósticos.

⁶ Triagem (Tradução nossa).

(2018a, online) diz que 16% da carga global de doenças e lesões em pessoas entre 10 e 19 anos desrespeita as condições de saúde mental sendo que, "Metade de todas as condições de saúde mental começam aos 14 anos de idade, mas a maioria dos casos não é detectada nem tratada" (OMS, 2018a, online).

No âmbito educacional vemos Marques e Romualdo (2014, p. 2) afirmarem que as instituições de ensino devem estar prontas para "refletir o momento histórico que estamos atravessando, considerando a diversidade como característica do sujeito em processo de constante transformação, a fim de oferecer uma educação para todos". Porém, quando analisamos os dados sobre a inserção de alunos com transtornos nos ambientes de ensino, vemos o Atendimento Educacional Especializado (AEE) mencionar que a dificuldade em diferenciar transtorno mental da deficiência mental torna rasa a compreensão do fenômeno mental (BRASIL, 2007b). Porém, fora essa menção, não há nenhuma proposta para vencer essa dificuldade, o que podemos presumir que pode dificultar a delimitação de ações inclusivas no âmbito pedagógico.

Saft (2016) apresenta uma pesquisa da ANDIFES⁷ com estudantes de graduação das Universidades Federais do Brasil que revela que 79,8% dos discentes entrevistados passaram por alguma dificuldade entre 2015 e 2016, dentre essas: 58,36% - ansiedade; 44,72% - desânimo ou falta de vontade de fazer as coisas; 32,57% - insônia ou alterações significativas de sono. Segundo Cambricoli e Toledo (2017) a UFSCar teve 22 tentativas de suicídio entre 2013 e 2017, na UNIFESP e UFABC, 5 estudantes concretizaram o ato no mesmo período, e a UFABC ainda relatou que 11% dos estudantes que trancaram a matrícula em 2016 foram por conta de problemas psicológicos. Na UFMG, no mesmo ano tiveram 2 suicídios.

Quando vamos à literatura vemos alguns autores considerarem a adolescência a fase do processo de luto ou depressão, por causa da "perda dos pais da infância e da identidade infantil e pela própria afirmação do adolescente no mundo adulto" (AVANCI, et al., 2007, p. 287). Erikson (1987) diz que na adolescência obtemos requisitos para provar e atravessar a crise de identidade. Sendo assim, as mudanças que os jovens, geralmente, passaram ou ainda estão passando, associada à entrada na Universidade podem potencializar a vulnerabilidade de alguns, abrindo espaço para o adoecimento.

Fazendo um recorte para a realidade do músico, podemos compreender que "o aprendizado musical é frequentemente descrito como uma das atividades mais complexas e estimulantes para o intelecto humano, sendo um traço inerente da espécie" (MCPHERSON; HALLAM, 2009 *apud* BRITTO, 2019, p. 19). Logo, é pertinente ver que a rotina do músico é carregada de tensões quanto ao resultado do processo de estudo. Em relação aos causadores de estresse dos universitários, "os estudantes de música estão mais suscetíveis

⁷ Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior.

a grande quantidade destes, podendo afetar a saúde e o bem-estar mental” (WRISTEN, 2013 *apud* BRITTO, 2019, p. 19).

Dentre os fatores geradores de estresse relacionados ao contexto musical em geral, vemos, por exemplo, a competitividade entre os músicos e a Ansiedade da Performance Musical (APM). Já relacionadas aos estudantes que estão no curso de formação docente destacam-se as cobranças por um alto nível de habilidade técnica e conhecimento musical; valorização mais pelo campo da performance do que pelo campo de ensino, dentre outras (BRITTO, 2019).

2 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Partindo da premissa que os transtornos mentais estão aumentando entre os jovens e que a rotina universitária musical não está imune a essa realidade, o objetivo deste artigo é promover uma discussão acerca da existência e permanência de estudantes com transtornos mentais comuns (TMC) no curso de música, tendo como ponto de partida os dados de uma pesquisa sobre a saúde mental dos alunos de música da UFPE e a análise dos documentos institucionais no que se refere a política de inclusão.

Nossa justificativa é o aumento do índice de alunos adoecidos emocionalmente no ensino superior, retratado pelas pesquisas vigentes e dados oficiais. Além disso, a inclusão é um tema urgente e importante para o combate aos preconceitos sociais e exclusão (AVANCI, *et al.*, 2007; LEONARDO, 2008; NASCIMENTO, 2014).

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa foi utilizado um método quantitativo, onde o objetivo foi “a obtenção de dados passíveis de quantificação” (GIL, 2002, p.88) e também foi uma pesquisa de caráter exploratório afim de “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p.41). Como procedimento foi realizado a análise documental, definida como o uso “fontes primárias” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.174).

Para embasarmos a discussão sobre se existia alunos de música na UFPE com TMC, tivemos como ponto de partida, os resultados do banco de dados da pesquisa realizada em 2019 no Departamento de Música da universidade em questão, onde solicitamos acesso aos dados coletados pela pesquisa entre os períodos de Maio a Setembro de 2019 (170 voluntários), no que tange: ao cabeçalho, fatores estressantes rotina universitária, os sintomas do adoecimento e o diagnóstico. Em seguida, analisamos os documentos sobre inclusão da

UFPE, onde nos detemos na resolução nº 06/2014 (UFPE, 2014), a resolução nº 11/2019 (UFPE, 2019) e o memorando nº 11/2019 do SEAP⁸/CAC (UFPE, 2019) por considerarmos mais relevantes para este trabalho.

A pesquisa originou-se no *Projeto para Bem Estar e Saúde Mental do Centro de Artes e Comunicação* (PROBEM do CAC) criado em 2018 no Departamento de Música da UFPE, devido a recorrentes casos de adoecimento psíquico entre os estudantes de música na universidade. O PROBEM promove ações que desrespeitam a humanização e a saúde mental, direcionada ao Centro de Artes e Comunicação da UFPE (CAC/UFPE) em prol da conscientização sobre o adoecimento mental.⁹ Uma dessas ações foi a pesquisa intitulada "Questionário sobre estresse e qualidade da saúde mental" que iniciou em maio de 2019¹⁰. O questionário foi criado por uma equipe multidisciplinar da UFPE a partir de testes validados da psicologia¹¹ e foi voltado aos discentes dos cursos de graduação e pós-graduação em música da UFPE.¹² Algumas das questões investigadas: os fatores inerentes à rotina universitária que contribuem para o aumento do estresse ou adoecimento emocional entre os estudantes de música; Quantidade de estudantes adoecidos emocionalmente após ingressar na universidade; Quantidade que estão diagnosticados clinicamente e em tratamento e se há (e se sim, quantos) estudantes em eminência ou ideação suicida.

O questionário está dividido em 3 partes, no qual a primeira contém os dados gerais do estudante, a segunda perguntas sobre qualidade de vida, estresse, desejo de desistência do curso, estudo semanal, qualidade e horas de sono, rendimento acadêmico no decorrer do curso, e outras coisas sobre a rotina universitária. A última parte, os sintomas e diagnósticos clínicos de transtornos mentais; tratamentos realizados; suicídio no decorrer do curso. O foco deste artigo é a discussão da última parte da pesquisa.

⁸ SEAP – Setor de Estudos e Assessoria Pedagógica.

⁹ Informações retiradas do site do projeto: www.probemdocac.wordpress.com

¹⁰ Esta pesquisa está de acordo com o Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/UFPE) e contempla: armazenamento dos dados de mínimo de 5 anos após o término da pesquisa; Preservação do sigilo e a privacidade dos voluntários; retorno dos benefícios da pesquisa aos participantes; e direito dos participantes a desistência da pesquisa em qualquer fase sem nenhuma penalidade. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e participaram voluntariamente.

¹¹ Escalas Beck (BECK, 2001); Escala HAD- ansiedade e depressão (BOTEAGA, 1995); Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I -Versão brasileira 5.5.5) - Módulo C - Risco de suicídio. (AMORIM, 2000).

¹² Os dados dessa pesquisa foram coletados e analisados pela equipe do PROBEM do CAC no ano de 2019. Todos os dados utilizados foram entregues já tratados mantendo o sigilo dos participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

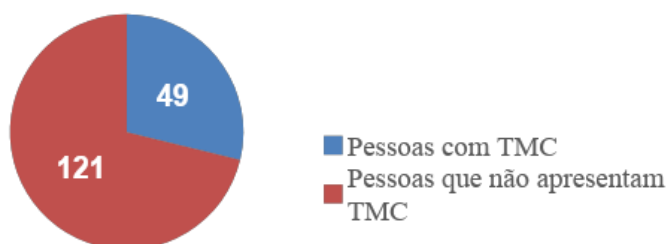
Abaixo seguem alguns dos resultados da pesquisa realizada pelo PROBEM DO CAC (quadros 1, gráficos 1, 2 e 3) e um resumo dos documentos institucionais analisados (quadro 2), seguido de uma breve discussão.

Quadro 1 - Perfil dos participantes da pesquisa do PROBEM do CAC.

PERFIL DOS PARTICIPANTES					
Homens	106	Mulheres	49	Não respondeu	15
FAIXA ETÁRIA					
18 a 25 anos	74	26 a 32 anos	42	33 a 42 anos	45
TOTAL DE PARTICIPANTES: 170 ALUNOS					

Fonte: PROBEM do CAC (2019).

Gráfico 1- Quantidade de estudantes que apresentam sintomas de adoecimento emocional.

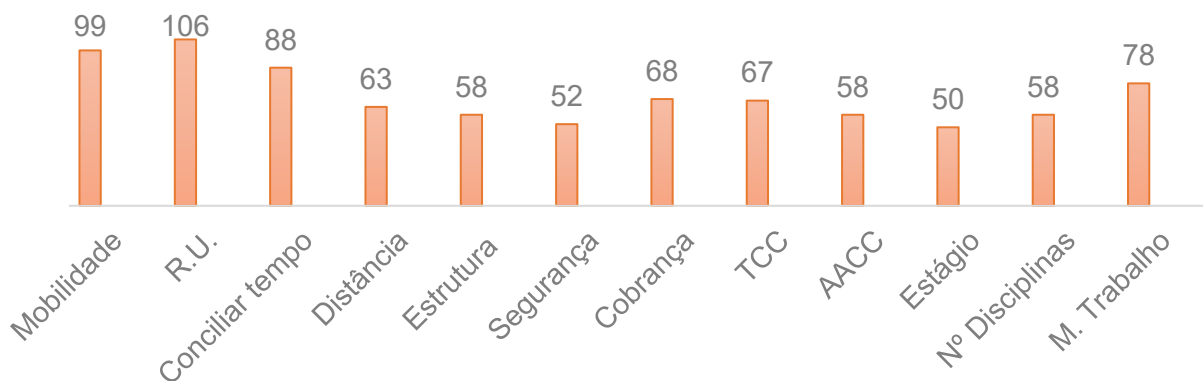


Fonte: PROBEM do CAC (2019).

Nota: 22 dos 49 têm entre 18 e 25 anos. Apenas 9 pessoas possuem laudo médico atualizado e 5 pessoas entregaram na coordenação do curso.

[Descrição de imagem] Gráfico de pizza colorido, com legenda à direita indicando os significados das cores: Em azul, "Pessoas com TMC", 49, e em vermelho, "Pessoas que não apresentam TMC", 121. [Fim da descrição]

Gráfico 2 - Elementos que os estudantes consideram mais estressantes e adoecedores em suas rotinas estudantis.

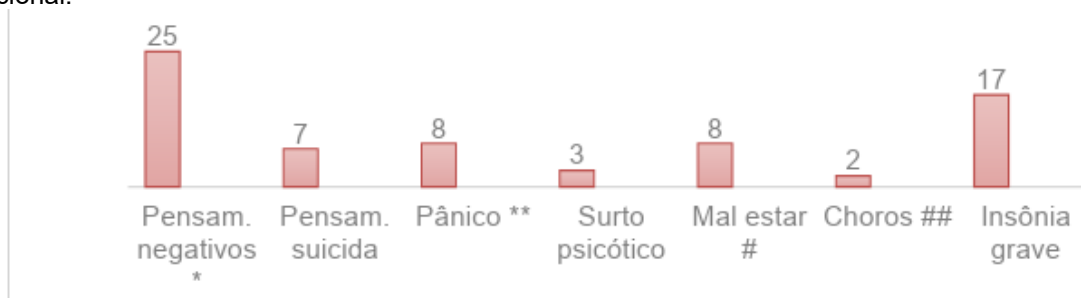


Legenda: Mobilidade diz respeito a questão de trânsito e transportes públicos da cidade; R.U. - restaurante universitário; Conciliar tempo – conciliar as tarefas da universidade, com a vida pessoal e profissional; Distância – Casa – UFPE; Estrutura – banheiros, laboratórios, salas de estudos, biblioteca, acústica, etc; Segurança – no campus; Cobrança – perfeccionismo; TCC – Trabalho de Conclusão de Curso; AACC – Atividade Artística Complementar Cultural; Nº – número de disciplinas por semestre e M. Trabalho - angústia e insegurança em se conseguir trabalho na área de música.

Fonte: PROBEM do CAC (2019).

[Descrição de imagem] Gráfico de barras verticais vermelhas. Da esquerda para direita: "Mobilidade", com 99, "R.U.", 106, "Conciliar tempo", 88, "Distância", 63, "Estrutura", 58, "Segurança", 52, "Cobrança", 68, "TCC", 67, "AACC", 58, "Estágio", 50, "Nº disciplinas", 58, "M. Trabalho", 78. [Fim da descrição]

Gráfico 3 - Sintomatologia autodeclarada dos 49 estudantes (29%) que apresentaram adoecimento emocional.



Legenda: * Pensamentos muito negativos por me achar incompetente ou irresponsável; ** Pânico a ponto de não sair de casa; # Forte mal estar físico ou emocional ao pensar na Universidade; ## Choros compulsivos e incontroláveis ao ir ou pensar na universidade. As pessoas podiam marcar mais de um sintoma.

Fonte: PROBEM do CAC (2019).

[Descrição de imagem] Gráfico de barras verticais vermelhas. Da esquerda para direita: "Pesam. negativos", com 25, "Pesam. suicida", 7, "Pânico **", 8, "Surto psicótico", 3, "Mal estar #", 8, "Choros ##", 2, "Insônia grave", 17. [Fim da descrição]

Quadro 2 - Documentos da UFPE sobre inclusão.

Documentos da UFPE	Dispõe	Público alvo
<i>Resolução nº 06/2014</i>	Acompanhamento especial	Portadores de afecções e gestantes
<i>Resolução nº 11/2019</i>	Acessibilidade e a Inclusão educacional na UFPE	Pessoas com: deficiência, superdotados, transtornos de aprendizagem, transtornos do espectro autista.
<i>Memorando nº 11/2019 SEAP/CAC</i>	Acompanhamentos individualizados aos discentes do CAC	Discentes do CAC

Fonte: Duarte (2019).

Vasconcelos (2014) coloca que o índice de estudantes universitários que apresentam algum transtorno psiquiátrico durante sua formação acadêmica é de 15% a 25%. Como coletado nos dados da pesquisa do PROBEM do CAC, 29% dos estudantes apresentam TMC (49 de 170 pesquisados, gráfico 1), corroborando com o autor supracitado.

As pesquisas nacionais e bibliografia vigente deixam evidente que essa não é uma realidade exclusiva dos cursos de música. Por exemplo, Spahn, Strukely e Lehmann (2004), comentam que o alto nível de problemas de saúde em estudantes de música, comparado com outros estudantes, requer a necessidade de uma prevenção específica e uma promoção de medidas apropriadas. Os autores expõem ainda uma pesquisa realizada na universidade de Freiburg (Alemanha), na qual foram investigados estudantes das áreas de medicina (266 estudantes), psicologia (71 estudantes), esportes (71 estudantes) e música (247 estudantes). O resultado apontou que 8,4% dos estudantes de música estavam com tendência à depressão e 33,5% apresentaram um nível consideravelmente maior de ansiedade em relação aos outros grupos de estudantes.

No que se refere aos sintomas emocionais, o mais comum encontrado na pesquisa da UFPE foi "pensamentos negativos" (25 alunos de 49 com sintomas de adoecimento, gráfico 3). Os dados da pesquisa do PROBEM apontaram das 49 pessoas adoecidas, 17 com insônia grave, 8 com mal estar só de pensar em ir à universidade, 8 com pânico ao ponto de não sair de casa, 2 com choros compulsivos. Tudo isso são claros sintomas que permeiam tanto a ansiedade quanto a depressão, conforme aponta Camon (2001 *apud* COUTINHO et al., 2003).

Consoante Teixeira et al. (2008 *apud* BRITTO, 2019, p. 7), "o ingresso na universidade é uma experiência estressora para jovens estudantes". Fatores como a troca do ambiente familiar pelo acadêmico, o aumento da responsabilidade pessoal, a exigência pelo alto desempenho no processo de aprendizagem, a obrigação de manter a concentração e esforços na rotina de estudos, a autocobrança e o medo da rejeição e reprovação, pode

aumentar a ansiedade para o cumprimento de metas e objetivos. Estas mudanças exigem do estudante universitário maior esforço e adaptação para obter êxito acadêmico (MONDARDO; PENDON, 2005).

Voltando aos dados da pesquisa da UFPE (gráfico 2) conciliar o tempo entre estudos, vida pessoal e profissional (88/170), a preocupação com o mercado de trabalho (78/170) e a cobrança pessoal (68/170), são igualmente estressores em potencial. Essas informações da pesquisa estão de acordo com Lage (2016) e Britto (2019) que discutem o estresse em conciliar a rotina do músico com a rotina universitária. No que infere as questões acadêmicas, o primeiro do ranking em gerador de estresse foi o Trabalho de Conclusão de Curso (67/170), seguidos das Atividades Artísticas Complementar Cultural (AACC)¹³ e quantidades de disciplinas por período (ambos 58/170), além do estágio curricular (50/170).

No que concerne aos fatores mais graves, a pesquisa também mostrou que 7 pessoas têm atualmente ideações suicidas, e além disso, 3 relataram já ter tido surtos psicóticos (gráfico 3), mostrando que o quadro de alguns estudantes vão além dos TMC. É importante salientar que a ansiedade e a depressão são fatores de riscos a psicoses e suicídios.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2018b, online) destaca que 800 mil suicídios são cometidos por ano em todo mundo, sendo a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos (período escolar e universitário). Já a Associação Brasileira de Psiquiatria comenta que o Brasil é o sexto colocado no ranking de suicídio no mundo sendo a quarta maior causa de mortalidade no país entre jovens de 15 a 29 anos (FIGUEIREDO, 2018). De acordo com a pesquisa do PROBEM do CAC o índice de adoecimento foi maior nas pessoas entre 18 e 25 anos.

No que se refere à inclusão, os documentos internos da universidade não demonstraram políticas claras ou específicas voltadas ao atendimento e acompanhamento pedagógico de estudantes que estejam em sofrimento psíquico (que os impeça de cursar a universidade como os demais alunos), nem mesmo medidas institucionalizadas de combate ao suicídio¹⁴. Por exemplo: para o público alvo da resolução nº 11/2019 (pessoas com deficiências; pessoa com TEA; pessoa com altas habilidades/superdotação; pessoas com transtornos da aprendizagem e TDAH; pessoa com mobilidade reduzida. Art.1º) a universidade dispõe: estratégias de ensino, avaliação e adaptação; recursos didático-pedagógicos acessíveis; tecnologias assistivas; ambiente de trabalho adaptados, respeitando as especificidades; eliminação das barreiras arquitetônicas e ambiente de comunicação;

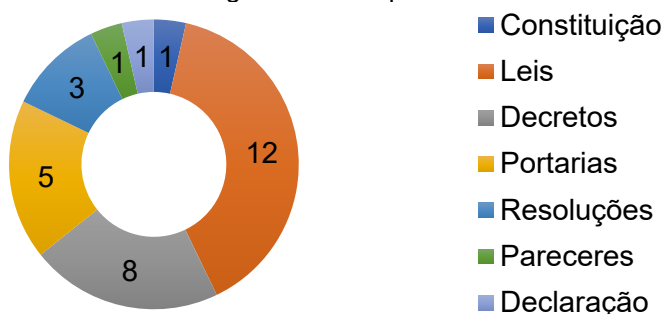
¹³ Atividades Artística Complementares Culturais: horas de atividades em projetos de extensão, congressos, cursos extra-curriculares, dentre outros.

¹⁴ Na UFPE há várias iniciativas de projetos e ações de combate ao adoecimento emocional e suicídio, mas são iniciativas pontuais, realizadas por servidores e estudantes e não refletem uma política institucional da universidade, neste sentido.

oferta de formação continuada para docentes e técnico-administrativos com o foco no atendimento em acessibilidade e inclusão educacional; tradutor e intérprete de Libras, leitor e transcritor além de outros apoios especializados; e a dilatação de tempo em até 50% do período total das avaliações considerando as especificidades e singularidade do discente (§ 1º).

No que cabe à educação inclusiva do Brasil Duarte e Louro (2019) e Duarte e Melo (2019), após pesquisarem 31 documentos legais brasileiros (gráfico 4), concluíram que os mesmos não dispõem nada sobre inclusão e formação de professores em relação aos transtornos mentais. Corroborando com essa lacuna que notamos nos documentos legais, podemos verificar, no quadro 3, o Censo do Ensino Superior do ano de 2018 (INEP, 2019), que aborda as categorias de necessidades especiais nos cursos de graduação (presencial e a distância), porém, não considera os estudantes com TMC como parte desse levantamento.

Gráfico 4 - Documentos Legais voltados para inclusão



Fonte: Duarte e Melo (2019); Duarte e Louro (2019).

[Descrição de imagem] Gráfico de rosca colorido, com legenda à direita: Em sentido horário, partindo do topo, "Constituição", em azul escuro, com 1, "Leis", em vermelho, 12, "Decretos", em verde, 8, "Portarias", em roxo, 5, "Resoluções", em azul escuro, 3, "Pareceres", em laranja, 1, e "Declarações", em azul escuro, 1. [Fim da descrição]

Quadro 3 - Matrículas de Alunos Portadores de Necessidades Especiais¹⁵ nos Cursos de Graduação (presenciais e a distância), por Tipo de Necessidade Especial, segundo a Unidade da Federação e a Categoria Administrativa das IES – 2018.

Matrículas em Cursos de Graduação Presenciais e a Distância por Tipo de Necessidade Especial	
Nº de Alunos com Necessidades Especiais	43.633
Cegueira	2.537
Deficiência Visual	12.751
Surdez	2.235
Deficiência Auditiva	5.978
Deficiência Física	15.647
Surdocegueira	132
Deficiência Múltipla	906
Deficiência Intelectual	2.755
Autismo Infantil	633
Síndrome de Asperger	489
Síndrome Rett	182
Transtorno Desintegrativo da Infância	235
Superdotação	1.486

Fonte: INEP (2019).

A UFPE (2014) garante que estudantes que não consigam cursar a universidade por algum motivo, possam cursar o período em domicílio. No entanto, é necessário que o estudante apresente um laudo psiquiátrico, confirmando sua incapacidade de presença na instituição. Mas nem todos os estudantes que possuem sintoma de adoecimento emocional incapacitante, possuem diagnóstico fechado por especialista. Pelos dados da pesquisa do PROBLEM do CAC, dos 49 estudantes adoecidos atualmente, somente 9 pessoas possuem laudo e desses, um número menor ainda de pessoas apresentaram o laudo à coordenação de música: 5 indivíduos.

É importante frisar que a universidade não é a responsável pelo adoecimento das pessoas, porém faz parte do conjunto, ou seja, ela entra nesse campo somando com outras questões que o estudante já traz consigo (crenças, contexto social, vulnerabilidades diversas, tendência genética a transtornos, falta de resiliência, criação familiar, etc.). Portanto, nesse caso, a universidade serve como um “gatilho” para o desenvolvimento de uma TMC ou mesmo, pelo disparo de um quadro psicótico.

O que todos esses dados deflagram é que ainda precisamos evoluir muito quando o assunto é saúde mental. Conforme Correia (2011, p.14), “identificar a saúde mental no campo dos direitos humanos significa reconhecer que as pessoas em sofrimento mental possuem

¹⁵ Atualmente, o termo mais utilizado é pessoas com deficiências (BRASIL, 2007a). Mas, por se tratar de um Documento Legal, mantivemos o termo utilizado por ele.

tais direitos, a partir do momento que são compreendidas como cidadãs". Diante desses dados alarmantes em relação ao adoecimento mental de jovens em idade acadêmica e da falta de propostas Legais para inclusão desses estudantes, não deveríamos discutir mais essa temática no ambiente universitário, nos cursos de formação docente em música, bem como, exigirmos das autoridades mais atenção para essa questão no âmbito educacional?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante destacar na conclusão desse trabalho que nosso objetivo não foi o de apontar culpados ou responsáveis por possíveis adoecimentos no campus da universidade, nem discutir como deve ser realizada a inclusão dos mesmos, mas antes, pretendeu lançar luz a um assunto que urge.

Sabemos que onde tem ser humano, sempre haverá conflitos, desavenças, projeções, frustrações e lidar com isso faz parte de nosso amadurecimento pessoal e social. Mas, se estamos dentro de uma universidade, estamos no local mais apropriado para o aprendizado e no espaço onde formaremos novos indivíduos para atuar na sociedade. Logo, deveríamos pensar possibilidades mais humanizadas de fazer com que esse processo fosse menos penoso, bem como, criar ações internas para um convívio melhor entre todos: um ambiente físico e atitudinal menos estressante e mais humanizado a partir da ideia da cultura de paz e empatia. Ações como essas, certamente já trariam benefícios à saúde mental de todos da academia.

Ninguém entra numa universidade odiando estudar ou querendo desistir da profissão que tanto desejava, mas muitos saem dela com esses sentimentos. Certamente, não é somente a universidade a responsável por todos os problemas, mas ela faz parte e nesse sentido, tem responsabilidade institucional de contribuir para que os indivíduos que nela confiaram, tenham o melhor tratamento e direcionamento possível, dentro dos limites e objetivos pedagógicos dela exigida. Enfim, esperamos que este artigo traga novas discussões e abra caminhos para que possamos ter um ambiente pedagógico mais humanizado e que vise o bem estar e aprendizado global de todos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Patrícia. Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): validação de entrevista breve para diagnóstico de transtornos mentais. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v.22, n.3, p.106-115, set. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2019.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos5 (DSM-5)**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.
- AVANCI, Joviana Q.; ASSIS, Simone G; OLIVEIRA, Raquel V. C.; FERREIRA, Renata M.; PESCE, Renata P. **Fatores Associados aos Problemas de Saúde Mental em Adolescentes**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, jul./ set. 2007, v. 23, n.3, p. 287-294.
- BECK, Aaron T. **Escala Beck**. Tradução: Jurema Alcides Cunha. 1. ed. Departamento de psiquiatria da universidade da Pennsylvania (USA): Casa do Psicólogo, 2001. p. 171.
- BRASIL. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: **Protocolo facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Tradução: Brasil. Brasília/DF, 2007a.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. **Deficiência Mental**. Brasília: MEC, 2007b.
- BRITTO, Priscylla Souza. **Música e neurociências: o impacto neurofisiológico da rotina do estudante universitário de música**. Recife, 2019. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- CAMBRICOLI, Fabiana; TOLEDO, Luiz Fernando. Aumento de transtornos mentais entre jovens preocupa universidades. **O Estado de S. Paulo**, 16 set. 2017. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-de-transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades,70002003562>. Acesso em: 30 set. 2019.
- CORREIA, Ludmila Cerqueira. **Guia de direitos humanos loucura cidadã**. Salvador/BA: AMEA, 2011.
- COUTINHO, Maria da Penha de Lima. et al. Depressão, um sofrimento sem fronteira: representações sociais entre crianças e idosos. **Psico-USF**, jul./dez. 2003, v. 8, n. 2, p. 183-192.
- DUARTE, Plinio Gladstone. **Os estudantes com transtornos mentais na graduação em música**: discussão a partir de uma pesquisa de campo e dos documentos da UFPE. Recife, 2019. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- DUARTE, Plinio Gladstone; LOURO, Viviane dos Santos. A música na escola: o que os documentos legais brasileiros garantem sobre a inclusão de pessoas com transtornos psiquiátricos?. p. 189-204. In: VII Encontro sobre Música e Inclusão Políticas públicas e pessoas com deficiência: práticas inclusivas e perspectivas de ação, 2019. Natal. **Anais [...]**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande Norte.

DUARTE, Plínio Gladstone; MELO, Maria Aparecida Vieira de. Educação para todos: um estudo sobre os transtornos mentais, e as leis educacionais. *In*: MELO, Maria Aparecida Vieira de; ALMEIDA, Ricardo Santos de. (Org.). **Currículo, políticas educacionais e formação discente-docente**: trilhando caminhos no ensino-aprendizado. 1. ed. São Paulo/SP: Perse, 2019, v. 1, p. 215-230.

ERIKSON, Erik Homburger. O ciclo vital: epigênese da identidade. *In*: IDENTIDADE, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p.90-141.

FIGUEIREDO, Carlos Guilherme. **Suicídio em jovens**. Associação brasileira de Psiquiatria, 2018. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/e4032f2a-e82d-4ff2-8ff9-c17034551ef3>. Acesso em: 25 set. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1975.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S. A., 2002.

GRANER, Karen Mendes; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p.1327-1346, abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401327&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 24 out. 2019.

KESSLER, Ronald C., et al. Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of mental disorders in the World Health Organization's World Mental Health Survey Initiative. **World Psychiatry**, 2007. p.168–176.

LAGE, Marcos Botelho. O ensino de trombone nas universidades do Brasil: Resultados Preliminares. p. 274-282 *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 12., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. 739 p.

LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas públicas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, n. 2, p.431-440, jul./dez. 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Luciana Pacheco; ROMUALDO, Anderson dos Santos. **Paulo Freire e a educação inclusiva**. IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. Turim- Itália. set. 2014. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3512>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MILLANI, Helena de Fátima Bernardes; VALENTE, Maria Luisa L. de Castro. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, ago. 2008.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2019.

MONDARDO, Anelise Hauschild; PEDON, Elisangela Aparecida. **Estresse e Desempenho Acadêmico em Estudantes Universitários**. Porto Alegre: [s. n.], 2005.

NASCIMENTO, Antônio Dias. **Projetos sociais e educação**. In: SOUZA, Jusamara (coord.) Música, educação e projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 51-62.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Resource book on mental health, human rights and legislation**. Suíça, Genebra: OMS, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa - Saúde mental dos adolescentes**. set. 2018a. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso em: 31 mar. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa – Suicídio**. ago. 2018b. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 02 dez. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa - Transtornos mentais**. abr. 2018c. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transtornos-mentais&Itemid=839. Acesso em: 05 maio 2019.

PROBEM DO CAC. **Mapeamento de saúde emocional dos alunos do departamento de música da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife: UFPE, 2019 (arquivo de pesquisa).

SAFT, Nicoli Sturmer. **Livros mofados, cadernos manchados - O adoecimento mental na universidade**. Santa Maria, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). UFSM, Santa Maria, 2016. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/arco/TCCNicoli/>. Acesso em: 24 out. 2019.

SPAHN, Claudia; STRUKELY, Sandra; LEHMANN, Andreas. Health conditions, attitudes toward study, and attitudes toward health at the beginning of university study: Music students in comparison with other student populations. **Medical Problems Of Performing Artists**, Narberth - Estados Unidos, v. 19, n. 1, mar. 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). **Resolução nº 06/2014, 10 de abril de 2014**. Recife: UFPE, 2014. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39134/0/Res+n%C2%BA+06-2014+-+Acompanhamento+Especial.pdf/bd7d3e7a-74b8-4d0a-af76-5475fc57580c>. Acesso em: 24 out. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). **Resolução nº 11/2019, 20 de setembro de 2019**. Dispõe sobre o atendimento em acessibilidade e inclusão educacional na Universidade Federal de Pernambuco. [S. n.], 2019a. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nucleodeacessibilidade>. Acesso em: 24 nov. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). Setor de Estudos e Assessoria Pedagógica. 21 de maio. **Mem. nº 11/2019-SEAP/CAC**, [S. l.], p. 1-2, 2019b.

VASCONCELOS, Tatheane Couto de et al. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Recife, v. 1, n. 38, p.135-142, out. 2014.